

A Escuta Sensível de Joyce McDougall

Artigo

Ana Paula Terra Machado

Membro Associado da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Porto Alegre.

No dia 24 de agosto de 2011, vítima de pneumonia, faleceu em Londres Joyce McDougall.

Autora de cinco livros e diversos artigos, proferiu conferências no mundo inteiro, inclusive no Tibete, onde esteve a convite do Dalai Lama para falar sobre a importância de Freud na cultura ocidental. Sua obra foi traduzida para dez idiomas, dentre os quais o japonês e o hebraico, tornando a autora reconhecida internacionalmente.

Nascida na Nova Zelândia em abril de 1920, decidiu tornar-se psicanalista após ter iniciado sua leitura do texto freudiano “A Psicopatologia da Vida Cotidiana”, quando estava na faculdade de Artes e Ciências de Otago. Mas foi ao imigrar para Londres com o marido e os filhos que iniciou sua formação psicanalítica na Sociedade Britânica. Por motivos familiares, em função do trabalho do marido, mudou-se para Paris, interrompendo a sua formação.

Em 1953, ao chegar à França, retoma seus estudos na Sociedade Psicanalítica de Paris, onde conclui sua formação e à qual permaneceu ligada, ocupando diversos cargos como Membro Titular.

Do período em que esteve em Londres, seus estudos com Winnicott tiveram grande influência em seu trabalho e anos mais tarde, estabeleceu importantes ligações entre a psicanálise anglo-saxônica e a francesa, convidando psicanalistas ingleses a dar conferências em Paris.



Manteve, também, um importante intercâmbio com os Estados Unidos, onde coordenou seminários e tornou-se membro de instituições de Nova York.

Sua trajetória como psicanalista se caracteriza por uma postura independente, não dogmática, mantendo um constante questionamento das concepções teóricas diante da complexidade da clínica. Trabalha com a ideia de uma “teorização flutuante” para a compreensão do material dos analisandos.

Com uma escuta sensível, privilegiava a contratransferência como um elemento fundamental da análise. Em seus relatos, amplamente expostos em seus livros, percebe-se a sua disponibilidade interna para atender a casos de difícil abordagem.

Utilizava a “metáfora do teatro” para expor suas ideias e teorias, considerando que no teatro interno de cada um se desenrola um drama particular, e que a análise propicia que se desenvolvam novos roteiros, entendendo que todo o sintoma é uma tentativa de autocura. Em suas palavras, “cada homem em sua complexidade psíquica é uma obra-prima”.

Sua compreensão do sofrimento psíquico e o compromisso de não estigmatizar as manifestações sintomáticas levaram-na a criar neologismos, como o termo “neosexualidades”, para abordar as perversões, avaliando-as como alternativas de sobrevivência psíquica.

Designou o termo “neonecessidades” para o comportamento aditivo, concebendo as adições como tentativas de enfrentar a angústia, relacionadas a falhas na constituição do *self*.

Sua primeira publicação foi um caso de psicose infantil no qual expõe aspectos relevantes para a compreensão do distúrbio psicótico da criança e sobre o inconsciente materno. Suas reflexões também abrangem a sexualidade feminina.

Outra área pela qual demonstrou grande interesse foi a dos fenômenos psicossomáticos, destacando a privação psíquica do funcionamento mental nessas circunstâncias, o que compromete a aquisição da identidade subjetiva.

Dedicou-se à abordagem psicanalítica dos somatizantes, considerando as manifestações do corpo como expressão de fantasias arcaicas que remetem ao universo pré-simbólico.

A imagem que guardo das ocasiões em que assisti às suas conferências é a de uma analista cheia de vida, que transmitia seu conhecimento com entusiasmo estimulante e encorajador àqueles que, como eu, na época, iniciavam seus percursos como psicanalistas.

Estudar a obra de Joyce McDougall é tomar contato com um trabalho criativo e criterioso, que com suas contribuições originais nos orientam sobre os impasses da clínica, como colocar em palavras as manifestações do corpo, como compreender a força de adição ou, ainda, como entender que sexualidade desviante é uma saída possível para a angústia frente à alteridade e à diferença.

O nome de Joyce McDougall está inscrito na psicanálise atual como uma analista de grande talento clínico, que manteve uma atitude receptiva e o pensamento livre para enfrentar os desafios da clínica de nosso tempo.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Ana Paula Terra Machado
Rua Florêncio Ygartua, 271/402
90430-010 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: anatm@terra.com.br